



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – DCH – CAMPUS VI
COLEGIADO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

MATHEUS GABRIEL MATOS BENEVIDES

**A REPRESENTAÇÃO DOS CONFLITOS SOCIAIS EM *O CORTIÇO*, DE ALUÍSIO
AZEVEDO E *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAIÁS CAMINHA*, DE LIMA
BARRETO**

CAETITÉ – BA

2022

MATHEUS GABRIEL MATOS BENEVIDES

**A REPRESENTAÇÃO DOS CONFLITOS SOCIAIS EM *O CORTIÇO*, DE ALUÍSIO
AZEVEDO E *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA*, DE LIMA
BARRETO**

Trabalho de Conclusão de Curso da faculdade de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, apresentado para a Universidade do Estado da Bahia – DCH – Campus VI – Caetité, como requisito principal/final para a finalização da graduação e obtenção do título em licenciatura.

Orientadora: Profa. Dra. Zoraide Portela Silva

CAETITÉ – BA

2022

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

FOLHA DE APROVAÇÃO

MATHEUS GABRIEL MATOS BENEVIDES

A REPRESENTAÇÃO DOS CONFLITOS SOCIAIS EM *O CORTIÇO*, DE ALUÍSIO AZEVEDO E *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAIÁS CAMINHA*, DE LIMA BARRETO

Trabalho de Conclusão de Curso da faculdade de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, apresentado como requisito para a obtenção do título de licenciatura, para a Universidade do Estado da Bahia – DCH – Campus VI – Caetité.

Aprovado em: _____ de _____ de 2022

Banca Examinadora

Orientadora: Profa. Dra. Zoraide Portela Silva (UNEB – *Campus VI*)

Profa. Ma. Valquíria Dias de Almeida (UNEB – *Campus VI*)

Prof. Me. Victor Pereira Sousa (UNEB – *Campus VI*)

AGRADECIMENTOS

Sempre soube da grande importância que teria este momento, mas nunca imaginei a quantidade de sensações positivas que esta graduação me traria, mesmo sob tantas responsabilidades.

Agradeço a Deus por colocar em meu caminho a motivação e as melhores companhias, que muito somaram em lealdade, boas risadas e coletividade. Agradeço aos meus pais e pessoas queridas por todo o apoio e reafirmação de que estou no caminho certo. Agradeço à professora Zoraide pela orientação e confiança desde o segundo semestre, com um tema que muito identifiquei. Por fim, agradeço a mim mesmo por não ter desistido, por ter sido paciente e cooperador em função do meu processo que está apenas no início.

Se eu fosse muda, e também não pudesse escrever, e me perguntassem a que língua eu queria pertencer, eu diria: inglês, que é preciso e belo. Mas como não nasci muda e pude escrever, tornou-se absolutamente claro para mim que eu queria mesmo era escrever em português. Eu até queria não ter aprendido outras línguas: só para que a minha abordagem do português fosse virgem e límpida.

(Clarice Lispector – Declaração de amor – setembro, 1968)

RESUMO

O presente trabalho analisa as representações do povo negro no romance *O Cortiço* (1890) de Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo e no romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto, de modo a compreender os conflitos sociais enfrentados pelo povo negro e os perversos efeitos do sistema escravista brasileiro. A literatura é uma fonte histórica de análise, assim como um eixo para interpretar, concomitantemente o processo social do povo negro num determinado contexto. É preciso tomar a forma literária como aquela que é ao mesmo tempo, a obra de ficção – universo imaginário, e que é, ao mesmo tempo, princípio que interpreta, um aspecto da realidade. Busca-se compreender a representação do negro no *corpus* escolhido, analisando, através dos seus textos, elementos para discutir a questão do racismo, antirracismo e da afirmação de uma literatura que traduza essas temáticas, compreendida como uma narrativa literária relacionada com os elementos a seguir: pertencimento étnico e experiência histórica, sócio política e cultural. Esse estudo se pauta em pesquisas de cunho bibliográfico e textos acadêmicos, com autores especializados para cada tópico mencionado, com levantamento de questões pautadas sobre a literatura Naturalista, a literatura modernista, a população negra. Para a realização das discussões pretendidas, compreende-se a concepção de Literatura com Coutinho (1986; 2004), Candido (2006) e Bosi (1994); Literatura afro-brasileira, embasada por Assis (2011), Evaristo (2010), Pereira (2010); aspectos históricos sobre a temática da população negra, Sodré (1988), Gonzalez (1988); autoritarismo brasileiro, Lilia Moritz Schwarcz (1987; 2019); Machado (2002) e Theodoro (2008); ideologia, Marilena Chauí (2008).

Palavras-chave: *Cortiço; Literatura; Negro; Racismo; Recordações; Sociedade.*

ABSTRACT

The present work analyzes the representations of the black people in the novel *O Cortiço* (1890) by Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo and in the novel *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), by the writer Afonso Henriques de Lima Barreto, in order to understand the social conflicts faced by the black people and the perverse effects of the Brazilian slave system. Literature is a historical source of analysis, as well as an axis to interpret, at the same time, the social process of black people in a given context. It is necessary to take the literary form as one that is, at the same time, the work of fiction – an imaginary universe, and which is, at the same time, a principle that interprets, an aspect of reality. It seeks to understand the representation of black people in the chosen corpus, analyzing, through their texts, elements to discuss the issue of racism, anti-racism and the affirmation of a literature that translates these themes, understood as a literary narrative related to the following elements: ethnic belonging and historical, socio-political and cultural experience. This study is based on bibliographic research and academic texts, with specialized authors for each topic mentioned, with a survey of questions based on Naturalist literature, modernist literature, the black population. In order to carry out the intended discussions, it is understood the concept of Literature with Coutinho (1986; 2004), Candido (2006) and Bosi (1994); Afro-Brazilian literature, based on Assis (2011), Evaristo (2010), Pereira (2010); historical aspects on the theme of the black population, Sodré (1988), Gonzalez (1988); Brazilian authoritarianism, Lilia Moritz Schwarcz (1987; 2019); Machado (2002) and Theodoro (2008); ideology, Marilena Chauí (2008).

Keywords: *Tenement; Literature; Black; Racism; Souvenirs; Society.*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	10
3	PROJETO LITERÁRIO E SOCIAL PROPOSTO POR ALUÍSIO AZEVEDO E LIMA BARRETO	15
3.1	<i>O CORTIÇO</i>	15
3.2	<i>RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA</i>	17
4	AS VISÕES SOCIAIS DO POVO NEGRO NO BRASIL E SUA RETRATAÇÃO VIA IMPRENSA DO SÉCULO XIX	20
4.1	O NEGRO COMO OBJETO: O SEU LUGAR NO SÉCULO XIX	20
5	QUESTÕES IDEOLÓGICAS E CIENTIFICISTAS PRESENTES NA PRODUÇÃO DAS OBRAS	24
5.1	CARACTERIZAÇÕES DOS PERSONAGENS	25
5.1.1	<i>O Cortiço</i>	25
5.1.2	<i>Recordações do Escrivão Isaías Caminha</i>	28
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

1 INTRODUÇÃO

A literatura, em todas as suas vertentes, entretém ou apresenta, por meio da ficção, a apreensão de um contexto em sua historicidade e seu processo, como por exemplo: a representação da população negra, de corpos que foram calados e por muito tempo objetificados, motivado por questões pessoais. Posto isso, serão apresentados os conflitos sociais enfrentados pelo povo negro, em um determinado contexto histórico, ficcionalizado nas produções literárias e seu aparecimento nelas, utilizando duas obras, que de alguma forma abriram as portas para a entrada de outras discussões neste segmento, em que se perpassam as discussões sobre racismo, desde os tempos coloniais até os movimentos de luta.

Aprofunda-se nas obras literárias: *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo e *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, de modo a compreender os projetos literários e sociais mostrado nos romances, assim como foram representados os personagens negros no contexto pós-abolição brasileiro, seguindo de questionamentos para o levantamento teórico e seus respectivos resultados. Desta forma, encaixam-se os questionamentos: as narrativas presentes em *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo e *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* de Lima Barreto, as quais traduzem a luta contra o sistema escravista, já trazem consigo a compreensão desse sistema desde do período em que as obras foram escritas? Quais os reflexos e como essa compreensão está representada na vida da sociedade?

O povo negro sempre esteve presente em nossa literatura desde o final do século XIX e início do século XX, escritores brancos ou não, com suportes formais ocidentais, relatam temas e situações de fracasso destes personagens (característicos da raça), resultado de aspectos étnicos e/ou constrangimentos sociais de responsabilidade da sociedade, relativos as populações negras. É abordada a representação do negro no *corpus* escolhido, buscando, através dos seus textos, elementos que se associam com a questão do racismo, antirracismo e da afirmação de uma literatura que traduza essas temáticas, compreendida como uma narrativa literária relacionada com elementos que envolvem o pertencimento étnico, experiência histórica, sócio política e cultural, definidos em discussão com o projeto literário e social proposto por Aluísio Azevedo e Lima Barreto, como expresso em suas obras.

A partir disso, serão destacados os pontos que mais se assemelham dentro das duas obras selecionadas, bem como, suas características sociais, inseridas dentro da literatura, que tem um papel fundamental em relatar a distribuição e evolução do lugar e consciência de classes, possibilitando a compreensão dos diferentes estudos feitos sobre a visão social do povo negro no Brasil e na literatura. A literatura, em todo o seu conjunto, permite que seus leitores façam

análises por diversos meios, a partir de suas respectivas interpretações. Dado isto, através do estudo que discute esta representação no Brasil, especificado dentro do contexto literário, com o olhar ainda voltado para o período colonial, compreende-se a sua evolução histórica e como foram iniciados os movimentos igualitários de cor/raça no Brasil, relacionando as caracterizações dos personagens presentes na trama às questões ideológicas e às questões cientificistas presentes no momento da sua produção.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A obra *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, se passa no século XIX, com publicação em 1890, tem em sua trajetória uma importante relevância para o estudo do movimento naturalista no Brasil, estando relacionada como o meio, a raça e a história. A partir da mistura de raças que circulam em torno de um cortiço, principal personagem do livro, apresenta a degradação e a decadência do ser humano, mostrando como o meio influencia diretamente o comportamento de seus personagens. Aborda temas como: desigualdade social e histórica dos indivíduos, além da ambição e sexualização de personagens negras/mulatas. Por mais que tenha sido escrita em fins do século XIX, atualmente ainda é possível perceber tal postura de busca de ascensão na sociedade brasileira.

Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 1909, Afonso Henriques de Lima Barreto, enquanto escritor, se desenvolve numa visão posterior à abolição da escravatura, em uma condição social que o negro é visto à margem e a liberdade é bastante fragilizada pelo preconceito racial findado. Isaías Caminha é o protagonista, que relata sua vida no Rio de Janeiro. Intelectual sonhador, está em busca de estudo e de uma formação que o permita lutar pelos marginalizados. Seu foco, por mais humanitário é frustrado pela própria sociedade, que descarta as possíveis oportunidades em função de sua cor. Desta forma, Isaías passa pela dor da fome, tornando-se alguém capaz de fazer qualquer coisa para sobreviver, levando-o à ambição desmedida e ao orgulho. O livro está numa posição de denúncia do preconceito, em que além das condições sociais, aborda também o que ele pode provocar em relação ao caráter, tratando-se de uma visão pessimista antes concebida, por sua condição de raça.

Para o conceito e entendimento de literatura no Brasil, buscando analisar as questões sociais da época, é expressado por Candido (2006):

Considerada em si, a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação. Mas quase sempre, tanto os artistas quanto o público estabelecem certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra. O artista quer atingir determinado fim; o auditor ou leitor deseja que ele lhe mostre determinado aspecto da realidade. Todo este lado voluntário da criação e da recepção da obra concorre para uma função específica, menos importante que as outras duas e frequentemente englobada nelas, e que se poderia chamar de função ideológica, — tomado o termo no sentido amplo de um desígnio consciente, que pode ser formulado como idéia, mas que muitas vezes é uma ilusão do autor, desmentida pela estrutura objetiva do que escreveu. Ela se refere em geral a um sistema de idéias. O autor dirá, por exemplo, que tencionou mostrar como a vida é enganadora e como a virtude é uma questão de aparência (...) (CANDIDO, 2006, p. 56 e 57)

A visão de Candido sobre a obra traz em si uma discussão que aborda um fator, que independente de qual denominação pertença, tem a intenção de provocar o leitor. Partindo disso, todo o texto gira em torno daquilo que lhe é oferecido, incluindo personagens, temática e época.

Em meados do século XIX, em virtude do espírito racionalista que se disseminava pelo mundo ocidental e dos investimentos da burguesia nas ciências e tecnologias, surgem novas concepções sobre a sociedade, relações familiares e de trabalho. Surge também uma corrente literária denominada “naturalista”, os escritores naturalistas sintonizados com essas novas concepções e esse espírito. Em científico assumem uma nova postura em seus textos literários, influenciados pelo determinismo de Taine¹ o evolucionismo de Darwin. Ainda que essas correntes filosóficas e ideológicas fossem base tanto para o Realismo quanto para o Naturalismo, os dois não se confundem no sentido de que o naturalismo busca olhar e analisar a sociedade de maneira bem científica, racional e objetiva. O Realismo vai tratar dessa interação do homem o meio social, enquanto que o Naturalismo mostra o homem como um produto do meio, sempre com um comportamento corrompido e patológico.

A partir disso, é abordado o seguinte entendimento de Afrânio Coutinho 2004:

(...)a palavra Naturalismo é formada de Natural+ismo, e significa, em filosofia, a doutrina para a qual na realidade nada tem um significado supernatural, e, portanto, as leis científicas, e não as concepções teológicas da natureza, é que possuem explicações válidas; em literatura, é a teoria de que a arte deve conformar-se com a natureza, utilizando-se dos métodos científicos de observação e experimentação no tratamento dos fatos e das personagens. (COUTINHO, 2004, p. 11)

Sob essa ótica, o escritor Naturalista, Aluísio de Azevedo, buscava analisar o indivíduo patológico e animalesco, cujo comportamento é influenciado por seu instinto animal e pelo espaço que habita. Com isso, Alfredo Bosi (1994) compara as condições desumanas pós-escravocratas, com vocabulários em função de animalizar os personagens:

A redução das criaturas ao nível animal cai dentro dos códigos anti-românticos de despersonalização; mas o que uma análise mais percuciente atribuiria ao sistema desumano de trabalho, que deforma os que vendem e ulcera os que compram, à consciência do naturalista aparece como um fardo de origem fisiológica, portanto inapelável. Como dá caráter absoluto ao que é efeito da iniquidade social, o naturalista acaba fatalmente estendendo a amargura da sua reflexão à própria fonte de todas as suas leis: a natureza humana afigura-se-lhe uma *selva selvaggia* onde os fortes comem os fracos(...). (BOSI, p. 191)

Referente à linguagem é adotado um vocabulário rigorosamente técnico e uma análise de cunho extremamente materialista a fim de estabelecer relações entre literatura e ciência.

¹ Corrente diz que o comportamento humano é resultado da: raça (fatores hereditários, biológicos), o meio (social, geográfico) e o momento (fatores históricos), e pelos avanços e descobertas científicas, tão como a evolução das espécies desenvolvida por Charles Darwin. <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/o-naturalismo.htm>

Buscando demonstrar que o espaço físico, as raças e o gênero determinavam o comportamento humano.

Em relação aos escritos de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Bosi (1994) comenta:

Sustenta, porém, a presença de Isaías como personagem polarizadora a própria frustração do autor, que nele se encarna, tornando especialmente doídos os seus encontros com os preconceitos de cor e de classe. Uma tristeza, ora de rebelde ora de vencido, dá o tom sentimental dominante a essas *Recordações*, onde alternam, chegando às vezes a fundir-se, a representação de uma sociedade classista e o seu processo instaurado por um “humilhado e ofendido”. Assim, o convívio de objeto e sujeito, de observação social e ressonância afetiva, define com propriedade o estilo realista-memorialista de Lima Barreto. (BOSI, p. 319)

Lima Barreto, em sua obra modernista, chama a atenção para a estadia social, atrelada ao cotidiano do mulato/negro em sua função na sociedade. A autobiografia do personagem em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, leva à realidade, ao chegar ao leitor, por se passar desde o sentimento sonhador de Isaías, ainda no subúrbio, às tristezas de se frustrar por não encontrar os que esperava, juntos à abordagem dos preconceitos de raça.

No que se refere aos aspectos que abordam os limites alcançados pelo povo negro entre os séculos XIX e XX:

Desse modo, a afirmação de que somos todos iguais perante a lei assume um caráter nitidamente formalista em nossas sociedades. O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento, tão bem analisada por cientistas brasileiros. Transmitida pelos meios de comunicação de massa e pelos sistemas ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca comprova a sua eficácia e os efeitos de desintegração violenta, de fragmentação da identidade étnica por ele produzidos, o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue” como se diz no Brasil), é internalizado com a conseqüente negação da própria raça e da própria cultura. (GONZALEZ, 1988)

Os valores étnicos-raciais eram pertencentes à classe branca, que mantinha o poder daquilo que defendia à cultura enraizada, desde as ideologias de classificação social, até as questões jurídicas, como era organizado. Sendo assim, independente da mistura de raças, o domínio é pertencente à hierarquia branca, considerada o grupo dominante.

Com isso, passa-se a pensar sobre o autoritarismo, especificado no Brasil, em que mantém domínio até a atualidade, bem como o coronelismo, com o poder social e político instaurado no país, no que faz relação com as diferenças em que se encaixavam os negros no período pós escravidão e como o racismo de cor, dentro dessas diferenças, manteve a reclusão social no período, assim como o mandonismo e a violência, que torna a classe vulnerável nos

dias atuais (violência contra pessoas pretas nos conjuntos habitacionais, subúrbios, favelas, etc.), ainda como herança deste período, como trata Lilia Moritz Schwarcz, em seu livro *Sobre o Autoritarismo Brasileiro*, 2019, que reflete a violência constante, desde a tomada de escravos do seu país de origem:

[...]como é possível definir o Brasil como um território pacífico se tivemos por séculos em nosso solo escravizados e escravizadas, admitindo-se, durante mais de trezentos anos, um sistema que supõe a posse de uma pessoa por outra? Lembremos que o Brasil foi o último país a abolir tal forma de trabalho forçado nas Américas — depois de Estados Unidos, Porto Rico e Cuba —, tendo recebido 5,85 milhões de africanos num total de 12,52 milhões de pessoas embarcadas e que foram retiradas compulsoriamente de seu continente para essa imensa diáspora atlântica; a maior da modernidade. Se considerarmos apenas os desembarcados e sobreviventes, o total, segundo o site *Slave Voyages*, foi de 10,7 milhões, dos quais 4,8 milhões chegaram ao Brasil. Por isso mesmo, em lugar do idílio, escravizados conheceram por aqui toda forma de violência, e de parte a parte: enquanto os senhores mantinham o controle na base da força e da sevícia, os cativos e cativas respondiam à violência com todo tipo de rebelião. (SHWARCZ, Lilia M., Pág. 19/20).

Logo em seguida, Schwarcz ainda menciona o mito da democracia racial no Brasil, retomando aos fatores que impulsionaram para a fixação deste movimento que parte desde a escravidão, para o racismo de cor, chegando à exclusão:

O mito da democracia racial, de forte impacto no país, é bom pretexto, portanto, para entender como se formam e consolidam práticas e ideias autoritárias no Brasil. Mas existem outras janelas importantes. O patriarcalismo, o mandonismo, a violência, a desigualdade, o patrimonialismo, a intolerância social, são elementos teimosamente presentes em nossa história pregressa e que encontram grande ressonância na atualidade. E esse é o propósito deste texto: criar pontes, não totalmente articuladas e muito menos evolutivas, entre o passado e o presente. (SHWARCZ, Lilia M., Pág. 23 e 24).

Retomando ao conceito histórico da Literatura no Brasil, Fernando de Azevedo (1986), em seu artigo “A escola e a literatura”, publicado em *A Literatura No Brasil* (COUTINHO, 1986), expressa a criação e consideração da literatura enquanto produto de cultura:

“O ensino de literatura faz parte de um todo chamado as humanidades. É o antigo ensino liberal, que possui um caráter funcional, preenchendo uma finalidade específica, a de fornecer ao educando uma filosófica da vida, de modo a torná-lo apto a uma existência útil à sociedade de seu tempo e a um domínio completo da expressão cultural. Não há outra finalidade para o ensino das humanidades. Elas são um caminho de humanização, isto é, visam a tornar o homem mais humano e capaz de uma vida plena na sociedade”. (AZEVEDO, p. 216, 1986)

É possível, desta maneira, ter uma visão maior acerca da história, encontrando resultados a partir da leitura de obras literárias, em questão ao poder cultural que implica sobre os leitores, o que permite uma melhor compreensão a respeito de determinadas temáticas, como o Naturalismo, visto em Azevedo (1890) e Modernismo em Barreto (1909), que expressam as

suas características específicas, transportando, de maneira psíquica e intelectual, o leitor à época da produção das obras.

3 PROJETO LITERÁRIO E SOCIAL PROPOSTO POR ALUÍSIO AZEVEDO E LIMA BARRETO

Através da percepção de fatos na literatura e análise do Brasil no período que permeiam os séculos XIX e XX, em que há a difusão das obras literárias por meio da mídia/imprensa, sendo a leitura uma fonte única de notícias, pensa-se no destaque que tiveram o NATURALISMO de Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo e o MODERNISMO de Afonso Henriques de Lima Barreto por meio destas impressões, que propagaram até a atualidade, alcançando a relevância no estudo voltado para a análise social.

Tendo o próprio cortiço (*O Cortiço*) e Isaías Caminha (*Recordações Do Escrivão Isaías Caminha*) como os principais personagens, é possível visualizar, amplamente, todo o histórico racial/social que deu início e existência a diversos acontecimentos no Brasil, deixando resquícios e dividindo pensamentos. A junção das duas obras, em seus diferentes contextos faz pensar no que aconteceu, de maneira ilustrada, por Azevedo, até chegar na inserção social em que Isaías é colocado, mencionado por Lima Barreto.

No Naturalismo é possível destacar os seguintes pontos: personagens retratados de forma objetiva e sem idealizações; a *zoomorfização*²; o ser humano está condicionado às suas características biológicas (hereditariedade) e ao meio social em que vive; com forte influência do evolucionismo, em que, para Darwin, o ser humano é o resultado de um processo de evolução a partir da seleção natural e que essa herança é algo progressivo. Com o Modernismo, destacam-se: a liberdade formal; mostra da realidade social brasileira; o regionalismo e nacionalismo; a marginalidade dos personagens apresentados: neste caso, dá-se ênfase ao mulato³; os fatos históricos, políticos, econômicos e sociais.

3.1 O CORTIÇO

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo (1857-1913), provocou imensa repercussão no chamado Naturalismo no Brasil, ganhando destaque, inicialmente, com a obra *O Mulato* (1881),

² Concepção do Naturalismo que relaciona o comportamento humano com o de um animal.

³ O termo MULATO vem de MULA, que é um animal sem fertilidade, pois não tem útero, nascido a partir da mistura de um jumento cruzado com uma égua, sendo humanizado para mulato, que se dá a partir do envolvimento a raça branca com a raça negra, passando então a imagem de um ser infértil, que serve apenas como objeto sexual ou “instrumento” de trabalho escravo.

levantando a questão do preconceito racial, bem como outras influências que se estenderam, até sua chegada em *O Cortiço* (1890).

Só em *O Cortiço* Aluísio atinou de fato com a fórmula que se ajustava ao seu talento: desistindo de montar um enredo em função de *pessoas*, ateve-se à seqüência de descrições muito precisas onde cenas coletivas e tipos psicologicamente primários fazem, no conjunto, do cortiço a personagem mais convincente do nosso romance naturalista. Existe o quadro: dele derivam figuras. (BOSI, p. 190; 1994).

Como citado acima: o cortiço⁴, além de ser palco para os acontecimentos, é o principal recurso para que a obra, intitulada como tal, fizesse sentido, pensando no seu contexto histórico e de fundação. A forte divisão social, devido ao racismo de cor, presente na leitura deste romance, aborda a reflexão de como e porque os personagens são colocados por esta determinada maneira, no que tange a denúncia da exploração e as complicações pelas péssimas condições de vida dos moradores cortiços do final do século XIX, pensando também no motivo para que estejam nestes lugares e sob estas condições.

Para melhor compreensão sobre a criação dos cortiços, pensando no levantamento das periferias e favelas, pode-se dizer que durante o processo do “fim” da escravidão, a sociedade, em geral, não estava preparada para conviver com pessoas que estavam à margem da posição delas, isso acarretou uma herança ideológica de que o negro estaria abaixo dos padrões de convívio, afastando-os dos meios. Estas pessoas estavam propícias à reclusão, se encaixando em lugares afastados, dando início as periferias, favelas e acréscimo da marginalidade, já que as oportunidades eram mínimas. Fazendo um paralelo com isso, Sylvia da Silveira Nunes discorre em seu artigo que:

Mudaram as aparências, mas a essência das relações sociais não mudou. A atitude do Estado para a situação do negro “liberto” sempre foi omissa: a miséria material, a discriminação e a humilhação vividas pelos afrodescendentes são reduzidas à culpa deles mesmos, por meio de uma manobra ideológica que transforma o que é da esfera das relações de poder em algo natural, inerente à raça. A ideologia republicana pedia um projeto de nação que, por sua vez, requeria que se repensasse o homem brasileiro[...] (NUNES, 2006, p. 91)

Com isso fica nítida uma nova concepção de lugar dessas pessoas, que naturalmente começaram a normalizar aquela realidade, vivendo em total diferença da outra camada da sociedade, passando a adquirir formas de sustento para sobreviver, não para viver, mas para garantir sua existência. Muitas destas formas, como já ditas antes, estavam relacionadas à

⁴ Os cortiços surgiram em São Paulo no século XIX, em dois momentos: após a abolição da escravatura, quando os negros foram morar em casarões no centro, e a partir de 1890, início do processo de urbanização e industrialização da cidade. (Folha de S.Paulo, 11 de setembro de 2000)

marginalidade, ou a trabalhos sem nível escolar e/ou acadêmico, já que o estudo seria outra falta, pois a reclusão e falta de condições não tirava o negro das periferias e o sistema de ensino precário não lhes garantiria total mudança, levando em conta a vivência das crianças negras em meio ao crime fora do espaço escolar.

3.2 **RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA**

“Lima Barreto fez da literatura o objetivo máximo de sua vida, vendo-a também como possibilidade de reconhecimento social” (MACHADO, 2002, p. 71)

“Sustenta, porém, a presença de Isaías como personagem polarizadora a própria frustração do autor, que nele se encarna, tornando especialmente doídos os seus encontros com os preconceitos de cor e de classe. Uma tristeza, ora de rebelde ora de vencido, dá o tom sentimental dominante a essas *Recordações*, onde alternam, chegando às vezes a fundir-se, a representação de uma sociedade classista e o seu processo instaurado por um “humilhado e ofendido”.” (BOSI, 1994, p. 319)

Alfredo Bosi discorre a respeito da imaginada, por muitos leitores, como uma “autobiografia” que teria feito Lima Barreto, espelhando sua vida com a de Isaías Caminha, personagem do romance. Bosi explica que o autor buscou sim “espelhar”, mas não em um sentido ‘pessoal’ e sim em retratar as dificuldades do povo negro/suburbano, de maneira geral. Por meio da crítica, utilizando os traços modernistas, mostra a turbulenta história de um jovem preto suburbano que tenta a vida na cidade grande, enfrentando diversos acontecimentos do sistema pós-escravocrata, que foram deixados como herança desde o século XIX.

“A raça é um conceito construído no século 19 por uma pseudociência que vai dizer que um determinado fenótipo vai ter uma continuidade moral, intelectual, estética. Falar em identidade racial branca é falar que há significados histórico-culturais construídos sobre o fenótipo branco – fenótipo que terá atribuições morais, intelectuais e estéticas que trazem uma ideia de civilização por trás. Esse conceito de raça foi construído com uma ideia fictícia de superioridade: o próprio grupo que inventou o conceito (brancos europeus) hierarquizou e disse que algumas atribuições eram melhores do que outras. Então, os brancos se colocaram em uma posição de superioridade em relação a outros grupos.” (ALVES, *Jornal The Intercept*, 2018)

Este exemplo de pseudociência retrata a visão equivocada da camada branca da população desde aquela época até os dias atuais, provocando uma revolta em meio aos negros, que mantinham, também, uma visão em relação aos não-marginalizados: para eles todas as pessoas brancas seriam privilegiadas apenas por serem brancas, e de fato era isso que acontecia,

tornando-os como algo bem vistos por poderem ter educação de qualidade, grandes cargos e não corriam risco de serem confundidos com bandidos. Apesar do passar do tempo, ainda hoje o racismo de cor tem força, principalmente nas grandes cidades, pois, as demandas das favelas são maiores, conforme cresce a população, crescem junto o aumento das localidades periféricas.

Lima Barreto, até então, considerado pré-modernista em diversos estudos, porém, já estava como precursor do movimento modernista, com a obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911), sendo deixada de lado pelo ligamento à autoria negra, bem como o desdobramento de ideias a respeito das “disputas de narrativas”, como observado por Jorge Augusto (2018), já que os considerados cânones literários, na época, eram diretamente ligados às classes dominantes. Desta forma, Lima Barreto ficaria na posição de pré-modernista para que suas críticas não fossem levadas a pauta para a elite paulista, em que seriam obrigados a discutirem e reavaliarem os espaços de poder.

Esta ideia de modernidade é evidenciada em um estudo especialmente feito para o autor, na obra *Lima Barreto um pensador social na primeira república*, Maria Machado, a autora, designa o conceito de modernidade, bem como suas características que perpassam entre o individualismo, o direito à crítica, a autonomia e a filosófica idealista; todos definidos pelo conceito de subjetividade, que extrairia o trabalho entre *liberdade e reflexão*, determinando as *configurações da cultura moderna*, tratando também do *reconhecimento da liberdade subjetiva dos indivíduos*, em que é aplicado o direito da opinião/conceituação individual/particular.

“Ao lado desses elementos familiares que marcaram a perspectiva de Lima Barreto perante a ordem republicana que viu nascer, outros fatores compuseram o quadro de insatisfação do escritor com o regime que se instalara. Ele execrou a República. Foi um crítico incansável de todos os seus aspectos, condenando as transformações que trazia em seu bojo, transformações que estavam a caracterizar o processo da modernização brasileira” (MACHADO, 2002, p. 77)

Como apresentado por Machado “o moderno é identificado ao novo corrompido”, e este comportamento corrompido é fortemente presente na obra de Barreto, principalmente pelo o que o autor aponta, a exemplo das críticas feitas à política e à imprensa, dentre outros fatores, como apresentação fisionômica dos espaços, crítica às leis definidas, retratação das diferenças sociais, etc.

O modernismo presente na obra de Lima Barreto é notado já em sua forma de enxergar a sociedade, como se estivesse deslocado para um lugar muito mais amplo em cultura, do que aquele que pertence, desde o fato de ter suas obras publicadas em folhetins, passando para a impressão já como obras literárias, que até então não eram possíveis no Brasil, apenas na

Europa, o que dificultava o acesso para adquirir, pelas questões econômicas na época. A partir disto é possível notar os traços técnico-científicos que transformariam a qualidade de suas publicações.

O jornalismo da época também foi importante para Lima Barreto, já que o meio literário manteve um sustento através desta forma de apresentação, com um alcance tanto no Rio de Janeiro, quanto nas províncias. Machado, 2002, ainda destaca a importância em observar-se a *marginalidade social de Lima Barreto*, já que isto identifica sua militância literária, formando um público de mesmo gosto literário. Como mencionado em outro capítulo deste estudo, a crítica jornalística era fortemente presente no período, não poupando o autor de ser mencionado, a exemplo do *Jornal Correio Paulista*, que considerou o autor como *persona non grata*⁵.

Barreto tinha apresentado em sua obra, todas as experiências pessoais vividas, por isso a necessidade de expressar a dor e sofrimento, decorrentes de todas as injustiças passadas por sua condição de cor, como apontado por Machado, 2002:

“(...). Por este motivo, o autor trabalha a condição humana sob o vértice de suas injunções sociais. Daí por que faz de sua obra um libelo contra a ordem existente, um grito de dor dos oprimidos, procurando despertar a indignação de seus contemporâneos por meio da crítica sagaz e ferina na tentativa de mobilizá-los para as transformações necessárias a uma sociedade mais justa e feliz. Com a obra de Lima Barreto, a literatura brasileira vê a transformação da palavra em espada.” (Machado, 2002, p. 74)

Como bem mencionado pela autora, esta transformação da *palavra* em *espada*, vem justamente com a finalidade de *cortar* todo o preconceito que definiria uma pessoa apenas por sua cor, gerando a ‘impossibilidade intelectual’, que gera este descontentamento e sofrimento pessoal expresso nas obras de Lima Barreto, além de instigar a movimentação de uma literatura militante, que desmistifica determinadas crenças.

As diversas responsabilidades recorrentes a vida de Afonso Henriques de Lima Barreto, além de doenças provocadas pelo vício no álcool, não o impediram de continuar produzindo, mesmo com todas as dificuldades advindas dos problemas de saúde.

⁵ “Expressão utilizada para punir membros do corpo diplomático que cometeram infrações, mostrar simbolicamente seu descontentamento e para expulsar diplomatas acusados de espionagem”. Disponível em: <https://relacoesexteriores.com.br/glossario/persona-non-grata/>

4 AS VISÕES SOCIAIS DO POVO NEGRO NO BRASIL E SUA RETRATAÇÃO VIA IMPRENSA DO SÉCULO XIX

Durante muitos anos o povo negro teve sua imagem direcionada apenas para o mercado escravo, cumprindo de maneira obrigatória os diversos serviços que lhe aparecesse. Este período, Brasil Colonial (1500-1822), foi marcado, principalmente, pela presença portuguesa, que utilizava mão de obra escrava.

Até então, a Lei Áurea pode ter amenizado o problema da escravidão, mas não o da inclusão dos negros à sociedade, pois, em sua maioria, não havia estudo, condições sociais e nem um aceitamento da sociedade, de uma maneira geral, pois estava acostumada a imagem do negro escravo, tratado e vendido como um objeto ou um animal que só existia para servir.

Sob este ponto de vista, é apresentada a iniciação do negro na sociedade, a partir de sua expressão de realidade e luta pela liberdade, de uma maneira crescente, mostrando chegada à literatura de maneira realista em toda sua moralidade.

4.1 O NEGRO COMO OBJETO: O SEU LUGAR NO SÉCULO XIX

Por quase 400 anos o trabalho escravo permanecia no Brasil, isso gerou grande impacto na política e economia do país, até quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea (Lei Imperial n.º 3.353, sancionada em 13 de maio de 1888, foi o diploma legal que extinguiu a escravidão no Brasil), a partir daí, foram sancionadas outras leis que garantiriam um benefício ao negro, são elas: Lei Eusébio de Queirós, proibia o tráfico negreiro da África para o Brasil; Lei do Ventre Livre (1871), estabeleceu a liberdade para os filhos de escravos que nasciam após essa data; Lei dos Sexagenários ou Lei Saraiva-Cotegipe (1885), beneficiava os negros maiores de 60 anos.

Contudo, os decretos das leis não asseguravam os direitos do povo negro na sociedade, por muito tempo sendo visto e tratado como objeto não tinha condições, nem estrutura (física e, principalmente, psicológica) para se impuser e alcançar uma posição social, como coloca a autora Sylvia da Silveira Nunes:

“A esperada cidadania após a abolição não aconteceu e, até hoje, é uma luta constante em uma sociedade em que a desigualdade racial é arraigada e as tentativas de apagar a memória da barbárie contra os escravos são permanentes, quer pela eliminação de documentos, quer pela disseminação do mito da democracia racial.” (NUNES, 2006, p. 91)

Mário Theodoro em “A formação do mercado de trabalho e a questão racial”, 2008, deixa em evidência tudo o que já foi reafirmado. As leis existiam, a igualdade havia sido decretada, mas apenas de forma teórica; e é no meio social que isto implica:

“A abolição da escravidão colocou a população negra em uma situação de igualdade política e civil em relação aos demais cidadãos. Contudo, como a literatura tem constantemente reafirmado, as possibilidades de inclusão socioeconômica dessa população eram extremamente limitadas (...)” (THEODORO, 2008, p. 37)

Partindo para a análise da Imprensa do século XIX, quando o povo negro começa a ser retratado em artigos jornalísticos, menciona-se o *Jornal A Redempção*, a fim de favorecer os movimentos abolicionistas⁶ e criminalizar as agressões que sofreram os escravos antes e depois do período escravocrata. Liderado por Antônio Bento⁷, o jornal circulou pelo Estado de São Paulo a partir do ano de 1887, até o ano de 1888, quando decretada a Lei Áurea, passando a ser publicado anualmente em memória desta data. Antônio Bento incentivou fugas e criou um sistema de acolhimento para os escravos que haviam fugido, tendo o seu trabalho visto como um “abolicionismo ilegal”, descrito por Schwarcz, 1987:

As suas especificidades estariam não só nas características formais (já que se tratava de uma folha bissemanal, de formato preço e extensão menores), mas principalmente na sua proposta política. Isto é, tratava-se de um jornal ligado ao grupo dos caifazes, que praticavam o que na época era denominado como “abolicionismo ilegal”, já que seus membros não se apoiavam só nos “benefícios da lei”, mas antes buscavam, através de formas mais diretas, como o incitamento à fuga, chegar à libertação total de grupos de escravos”. (SCHWARCZ, 1987, p. 85 e 86)

Em contrapartida, entrava em cena o *Jornal Correio Paulistano* (1880 a 1888), que atacava constantemente o *A Redempção*, sob a responsabilidade de Ramos Nogueira, incitando a figura de Antônio Bento. O abolicionista também provocava em seus escritos, apontando a imagem do Dr. Antônio Prado, proprietário do *Correio*, como mencionado por Lilia Moritz Schwarcz, que conclui a ideia de que, se por um lado *A Redempção* era um jornal abolicionista, por outro, o *Correio Paulistano* seria caracterizado como um jornal escravocrata, sendo também o mais expansivo jornal na época. Além dessas acusações, a organização de Bento também

⁶ O movimento abolicionista surgiu e tomou força no Brasil em meados de 1870 e reuniu diversos grupos sociais no Brasil, em favor da abolição da escravidão, que ceifou a vida e direitos de milhões de escravos no país;

⁷ “Advogado e jornalista paulista que, na metade do século XIX, lutou contra a escravidão, o racismo, a falta de assistência aos menos favorecidos, a corrupção no sistema político, a mídia corrompida e a injustiça social”. Biografia disponível em: <https://www.comuniconiaapolinario.com.br/single-post/2020/09/18/abolicionista-ant%C3%B4nio-bento-tem-biografia-escrita-pelo-bisneto>.

provocava e apontava os republicanos, quando os republicanos considerados “radicais” se afastaram do partido.

Em um trecho de *A Redenção*, em defesa da liberdade e acusações de “falsa abolição” dos negros escravizados, é possível a análise sobre como se dava a “guerra partidária” na época, podendo também relacionar às manifestações e divisões que ocorrem na atualidade, sob trocas de acusações e possíveis rebeliões em que incitavam; percebe-se também a despreocupação em relação a forma em que os textos são escritos, com uma linguagem vulgar e de simples compreensão.

“Promessas de liberdade

Continuam os fazendeiros a lançar mal rosado ao beijo dos abolicionistas como se nós sofrêssemos de sapinho. Prometem a liberdade a seus escravos, outros libertam condicionalmente, mas não constam que tenham dado baixa nas collectorias (...). Todos os dias com o título de “Movimento Abolicionista” [alusão à secção do *Correio*] noticiam esses jornais que o *barão* de tal, o *visconde* não sabemos de que, o *coronel* fulano, o *comendador* sicrano prometeram libertar seus escravos. *Sabemos que todas essas pessoas são muito honradas, basta ser fazendeiros e ter dinheiro para se qualificar deste modo.* No entanto, deviam dar baixa na coletoria (...) porque de outro modo não podemos saber de si a Província de São Paulo está se libertando de verdade ou é FAÇA DE CONTA.” (*A Redenção*, 7 de agosto de 1887)

O período em que aconteceu a promulgação da Lei Áurea, foi um forte divisor entre os escritos jornalísticos, no que causou, de forma explícita, a definição da “falsa democracia racial”, melhor retratada por Seymour Souza em seu artigo “A Falsa Abolição” sobre a exposição do genocídio em massa, em que aponta os perversos acontecimentos como “o pilar que sustenta o estado brasileiro desde a sua fundação”, em que os escravos haviam recebido a carta de alforria, mas continuaram em outra espécie de prisão: o distanciamento social.

“O fim da abolição em 1888, e o início da república em 1890, não significou entretanto, a possibilidade de mobilidade social maior, o negro saiu da posição, como bem define Clóvis Moura, “ de bom escravo, para mau cidadão”. A classe dominante administrou de tal maneira as mudanças sociais, que os ex escravos não tiveram garantias plenas de acesso á posse ou à propriedade de terra, trabalho e ao salário. Que abolição é essa, onde não se alterou a relação entre dominador e dominado?”⁸ (SOUZA, 2019)

A chegada de escritos literários e conteúdos em formatos de matérias por jornais, provocou a ira daqueles que ainda mantinham seus pensamentos reclusos à ideia de convivência com pessoas que, até então, somente haviam sido tratados de maneira desumana, apenas para o ato servir. Conviver o mesmo espaço e oportunidades seriam ponto principal para fortes conflitos na época. A partir disto, diante de tanta reclusão e separação social, junto a dificuldade

⁸ Fonte: <https://noticiapreta.com.br/a-falsa-abolicao/>

do povo negro em se inserir no mercado de trabalho, provocaram tristes acontecimentos que trariam ainda piores comentários, aumentando o racismo de cor/raça, como demonstrado em uma matéria do *Jornal Correio Paulistano*:

“O congresso Médico de Pisa
 (...) D’aqui a conclusão de não ter suicídio por causa a grande riqueza de caráter: mas sim o enfraquecimento das faculdades mentaes, sendo o suicídio pelo álcool o mais frequente entre os povos” (*Correio Paulistano*, 16 de outubro de 1889)

Desta forma, sob a ótica de Schwarcz, 1987, é possível ter uma noção de como, via imprensa, era a vida do povo negro pós abolição e tudo o que a escravidão gerou para o sofrimento espalhado em forma de criminalidade, alcoolismo, suicídios, homicídios, dentre outras diversas questões que os afastaram da sociedade, forçando a reclusão, distribuída em *cortiços*, *subúrbios*, como mencionados e analisados nas obras de Azevedo e Barreto. Além disso, também é necessária a compreensão e reforço de que o *povo branco*, definido até mesmo pela imprensa, mantinha a ‘civilização e o saber’, e que assim deveria seguir o povo negro, que deveriam alcançar esta civilização através do “mérito”, ou visto pela sociedade como o ato de “embranquecer”, como se a *igualdade* entre classes/raça/cor partisse da ideia de “empenhar-se” para conquistar algo, entendendo que a escravidão provocou o preconceito, mesmo chegando ao ‘fim’, e isso se torna em algo irreversível, difícil de modificar o pensamento desde aquele período, já que a sociedade que não carregava em seu tom de pele a marca de todo o sofrimento, não seria capaz de compreender que os mesmos que aplicam o pensamento de esforço para conquistar algo, são os que satirizam o período escravocrata e provocam a violência.

5 QUESTÕES IDEOLÓGICAS E CIENTIFICISTAS PRESENTES NA PRODUÇÃO DAS OBRAS

Para maior entendimento a respeito do que será apresentado, é preciso ter um norte sobre as questões ideológicas. O conceito que temos da palavra ‘ideologia’ e o seu real sentido, na maioria das vezes é equivocado ou mal interpretado. Marilena Chauí, 2008, em sua obra: *O que é ideologia?*; em que destaca como o termo “ideologia” geralmente é confundido com ideário, significando apenas um conjunto de ideias. No entanto, a autora relaciona a ideologia ao contexto histórico social e político, pois, por diversos períodos esse conceito foi alterado, vivenciado por vários povos e em distintas situações. Logo o significado de valores ideológicos se estabeleceu como ideias universais das classes dominantes sobre as classes menos favorecidas. Alguns desses fatores para esse significado são a dominação do saber tecnológico, científico, literário, a exploração dos detentores do poder e capital, sobre os pobres, criando e ressaltando as desigualdades sociais. A autora já mencionada coloca que essa ideologia apesar de tudo pode ser rompida, expõe que:

“Quem e o que pode dismantelar a ideologia? Somente uma prática política nascida dos exploradores e dominados e dirigidas por eles próprios. Para essa prática política é de grande importância o que chamamos de crítica da ideologia, que consiste em preencher as lacunas e os silêncios do pensamento e discurso ideológico, obrigando-os a dizer tudo que não está dito, pois dessa maneira a lógica da ideologia se desfaz e se desmancha, deixando ver o que estava escondido e assegurava a exploração econômica, a desigualdade social, a dominação política e a exclusão cultural.” (CHAUÍ, 2001, p.118)

Deve-se compreender que há uma importância significativa da relação entre a linguagem e a sociedade e pensar em como essa linguagem é considerada um veículo de ideologias. Considerando o papel estratégico que o discurso pode ter, pois dois discursos contendo os mesmos elementos pode nos mostrar visões distintas, em que agregam valores distintos a esses elementos, fica clara a ideia de como o discurso pode ser um instrumento de grande alcance e como isto exerce o meio para difundir uma ideologia, podendo reconhecer isso na forma como discurso da classe dominante que impõe suas “verdades” sobre a classe dominada. Ou seja, todo e qualquer discurso pode apresentar uma repressão ideológica.

“3) o que torna possível a ideologia é a luta de classes, a dominação de uma classe sobre as outras. Porém, o que faz da ideologia uma força quase impossível de ser destruída é o fato de que a dominação real é justamente aquilo que a ideologia tem por finalidade ocultar. Em outras palavras, a ideologia nasce para fazer com que os homens creiam que suas vidas não são o que são em decorrência da ação de certas entidades (a Natureza, os deuses ou Deus, a Razão ou a Ciência, a Sociedade, o Estado), que existem em si e por si e às quais é legítimo e legal que se submetam(...)” (CHAUÍ, 2008, p. 83)

As ideologias são, por muitas vezes, produzidas afim de disseminar os ideais dominantes e torná-los universais. Contudo a ideologia não elimina o poder que cada indivíduo tem. Sendo assim pode-se, também, ser trazido para um possível estudo ‘a figura do povo negro’, representada e ilustrada em obras de grande repercussão.

5.1 **CARACTERIZAÇÕES DOS PERSONAGENS**

5.1.1 *O Cortiço*

Em *O Cortiço* (AZEVEDO, 1890), é preciso salientar as diferenças em como eram citados os personagens dentro da obra, o tratamento que difere sua cor, suas condições sociais, afastando tudo o que iguala por serem humanos, com a mesma carne, sangue, doenças e necessidades em geral.

Firmo, personagem retratado no romance como capoeirista, é apresentado da seguinte maneira:

“Firmo, o atual amante de Rita Baiana, era um mulato pachola, delgado de corpo e ágil como um cabrito; capadócio de marca, pernóstico, só de maçadas, e todo ele se quebrando nos seus movimentos de capoeira. Teria seus trinta e tantos anos, mas não parecia ter mais de vinte e poucos. Pernas e braços finos, pescoço estreito, porém forte; não tinha músculos, tinha nervos. A respeito de barba, nada mais que um bigodinho crespo, petulante, onde reluzia cheirosa a brilhantina do barbeiro; grande cabeleira encaracolada, negra, e bem negra, dividida ao meio da cabeça, escondendo parte da testa e estufando em grande gaforina por debaixo da aba do chapéu de palha, que ele punha de banda, derreado sobre a orelha esquerda.” (Azevedo, 1998, p. 70)

Em seu artigo, Oliveira (2018) analisa esta passagem do personagem Firmo pela obra, sinalizando os principais traços e estereótipos a respeito do personagem de trajetória bastante simbólica em suas ações:

“Ainda nessa primeira descrição do personagem, surgem traços da sua personalidade como o uso do adjetivo pachola ao descrever o personagem Firmo. Nessa escolha do autor está contida a vaidade do personagem que vai se confirmando nas demais descrições usadas na narrativa como o bigodinho crespo, petulante, a cheirosa e reluzente brilhantina de barbeiro, o cabelo dividido, o chapéu de palha posto de banda, derreado sobre a orelha esquerda. O uso do termo Pachola, no entanto, pode trazer uma ideia diferente para um leitor atento, relacionando o personagem a alguém de elegância duvidosa. É uma possibilidade grande de o autor ter escolhido relacionar o termo pachola ao termo mulato para definir uma característica racial na descrição de Firmo, determinando uma possível falta de elevação social em seu gosto, em suas escolhas de vestuários e em sua aparência.” (OLIVEIRA, 2018, P. 12)

É possível, também, pensando na descrição de Firmo dentro da obra, uma aproximação com aquilo que pertence ao imaginário popular brasileiro: “A figura do capoeira, do vadio, do

boêmio, do tocador de samba, invocado por Aluísio Azevedo em *O cortiço*” (OLIVEIRA, 2018, P. 13).

“Também cantou. E cada verso que vinha da sua boca de mulata era um arrulhar choroso de pomba no cio. E o Firmo, bêbedo de volúpia, enroscava-se todo ao violão; e o violão e ele gemiam com o mesmo gosto, grunhindo, ganindo, miando, com todas as vozes de bichos sensuais, num desespero de luxúria que penetrava até ao tutano com línguas finíssimas de cobra.” (AZEVEDO, 1983, p. 145)

Além de apresentar a personalidade de Firmo, que aborda a mistura dos diversos tipos de cultura que chegaram no período colonial, apropriado por pessoas pretas, são perceptíveis os traços naturalistas, que torna os personagens em seres grotescos e animalizados, reafirmando as diferenças sociais/intelectuais associadas a sua cor e raça.

Partindo para uma análise do tratamento da mulher negra/mulata no período do século XX no Brasil, Aluísio de Azevedo em sua obra naturalista "*O Cortiço*", destaca o comportamento e a forte personalidade feminina de alguns personagens, bem como as condições socioeconômicas e as relações interpessoais da população urbana nos finais do século XIX. É notório que a sociedade está marcada pelas concepções ideológicas a respeito da mulher e o seu papel nela. Há séculos a sociedade possuía uma organização em que o homem é o ser dominante, dotado de poder e prestígio. Ocupava os melhores cargos, responsável por tomar decisões políticas e econômicas. Os costumes perpetuaram esse domínio masculino, educando as mulheres a serem submissas e obedientes.

Diante destas questões, é possível identificar e analisar os motivos pelos quais vêm sendo difundidos estes ideais no movimento Realista-naturalista. Os chamados romances experimentais ou de tese, pois trazem a tese de que o meio condiciona o comportamento impulsivo e patológico das personagens, posições totalmente diferentes dos movimentos literários anteriores, pois estes se baseavam em fundo puramente científico da vida e da sociedade.

“Assim, podemos dizer que o texto de Aluísio de Azevedo apresenta “espaços abertos”, para que o leitor crítico atualize sua concepção, questionando a imagem da mulher objeto com a qual a afro-brasileira é cantada nos textos artísticos. Essa representação coisificada da mulher negra e da mulher mulata surge em oposição às mulheres que poderiam se casar, visto que “a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão: ‘Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar’.” (DUARTE, 2010, p. 24)

Como citado por Duarte (2010), são muitas questões que permeiam em como a sociedade enxergava essas pessoas, sendo preciso pensar também em relação às mulheres do período pós-escravidão, que carregavam as heranças do sistema escravista. No romance, é

possível destacar dois exemplos. As personagens: Rita Baiana (mulata) e Bertoleza (preta). Em uma breve apresentação, pode-se ter noção de como eram tratadas, imaginando diversas cenas do Brasil atual, em que se assemelham.

A personagem Rita Baiana traz a imagem estereotipada imposta pela sociedade como representação da “mulher brasileira”, colocada como dona de curvas, mulata e sedutora, sendo assim, uma figura tomada como algo próprio do Brasil. A ideologia presente na personagem era da representação de uma figura própria brasileira, uma montagem da mulher que vem de duas raças, é sensual e dona de si.

“E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua coma de prata, a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher.” (AZEVEDO, 1983, p. 90)

Rita passa a força da mulher que não aceita ser ordenada, quebrando as regras do que era imposto pela sociedade patriarcal daquele período em que a mulher era bastante submissa ou representada como um ser fragilizado e o homem que mantinha as relações de poder. Sua sensualidade está em constante atrito com o patriarcado, já que era considerado como absurdo o direito ao corpo, por mais que as mulheres sejam donas de sua sexualidade e de seu corpo.

“Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sextas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doída, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambedas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.” (AZEVEDO, 1983, p. 91)

Há um feminismo de primeira onda, portanto, que além de lutar por direitos políticos, como voto, lutou ainda por algo muito importante: a abolição da escravatura. Insere-se nessa questão a personagem Bertoleza que apesar de supostamente ser uma escrava alforriada, ainda vive cativa de seu companheiro: “Ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua” (AZEVEDO, 1983).

Maria Amélia de Almeida Teles em (Breve história do feminismo no Brasil), diz que:

A abolição da escravidão não significou de forma alguma a libertação do povo negro. Pelo contrário, acentuou-se sua condição de marginalizado. Enquanto o desenvolvimento industrial emergente abria as portas para a mão-de-obra branca procedente da Europa, deixava aos negros os serviços piores e de mais baixa remuneração ou mesmo a condição de “desocupados”. Isso favoreceu ainda mais a ideologia contra a raça negra e intensificou-se a difusão de conceitos como “preto é vagabundo”, “só gosta de pinga e samba”, “só faz sujeira, quando não é na entrada, é na saída”, “mas tem preto de alma branca, graças a Deus. (1993, p.42)

Bertoleza, uma mulher negra e sem falas no romance, possui uma vida de labuta e humilhações e abusos por parte do seu companheiro, João Romão. Que usa da sua força para fazê-la trabalhar incansavelmente e enriquecê-lo.

[...] Bertoleza representava agora, ao lado de João Romão, o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. (AZEVEDO, 1983, p. 12/13).

Logo, a liberdade de Bertoleza é uma mera ilusão, estando a mercê de seu senhor e das condições que ele impõe sem em nenhum momento questionar. O único momento em que Bertoleza, ganha voz é quando de fato se torna um estorvo e um empecilho na visão de seu senhor, que deseja se casar com uma moça da nobreza. Acaba por tentar entregá-la aos seus antigos donos, mas Bertoleza dá seu grito de liberdade, que tristemente vem em forma de suicídio.

5.1.2 *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*

Menciona-se então, o principal personagem, proposto por Lima Barreto. Assim, é possível retomar o que já foi colocado em outro tópico deste artigo, em que destacou o *Projeto Literário e Social* apontado pelo autor, que traz o pensamento de notável comparação do personagem Isaías Caminha à própria figura do autor (Lima Barreto), como citado por Alfredo Bosi, 1994, em que a obra seria a retratação da própria frustração de Lima Barreto.

“A tristeza, a compreensão e a desigualdade de nível mental do meu meio familiar, agiram sobre mim de modo curioso: deram-me anseios de inteligência. Meu pai, que era fortemente inteligente e ilustrado, em começo, na minha primeira infância, estimulou-me pela obscuridade de suas exortações. Eu não tinha ainda entrado para o colégio, quando uma vez me disse: Você sabe que nasceu quando Napoleão ganhou a batalha de Marengo? Arregalei os olhos e perguntei: quem era Napoleão? Um grande homem, um grande general... E não disse mais nada. Encostou-se à cadeira e continuou a ler o livro. Afastei-me sem entrar na significação de suas palavras; contudo, a entonação de voz, o gesto e o olhar ficaram-me eternamente. Um grande homem!...” (BARRETO, p. ,2017)

A imagem de um jovem sonhador e determinado a transformar sua vida e das pessoas de seu ciclo familiar, já no início da trama, apresentando a figura paterna, que simboliza força e inspiração, impulsiona a ideia de espaço e pensamento, já que o personagem está inserido em um contexto de pobreza e reclusão social, mas mantendo a ideia de expansão e mudança de realidade, sem aceitar que a sua situação atual seja onde realmente deva estar.

Isaías, em sua inteligência, ainda mantinha a inocência perante as desigualdades por sua situação de cor/raça, em que mesmo com grande capacidade intelectual, não estava preparado para acontecimentos que causariam grande desconforto e discriminação que reduziam toda sua dedicação para conquistar seus sonhos:

“Deviam ser oito horas e eu vim descendo a pé pela borda do cais. Pensava num alvitre a tomar. Precisava sair do hotel. Estava sem dinheiro; depois de paga a pensão, restar-me-iam uns seis mil e tanto. Tinha que o deixar em breve, fosse como fosse. Aquela sociedade com pessoas que me tinham suspeitado ladrão, pesava-me, abatia-me. A esperança num emprego humilde esvaíra-se. A recusa sistemática do padeiro fizera-me supor que era assim em todas as profissões. Assim seriam os hoteleiros, os donos de cafés, de confeitarias, de cocheiras... Não sabia por onde sair; era de um verdadeiro sítio à minha vida que eu tinha sensação. Durante o dia inteiro não me deixaram esses pensamentos. Almocei no hotel, silenciosamente, sentindo a irritante observação do copeiro (...)” (BARRETO, p. 44, 2017)

Carregando em seu próprio sangue a inevitável “brasilidade”, definida pela mistura de raças que enraizaria o Brasil como um país de pluralidades, provocada pelas invasões no período colonial, Lima Barreto não poupava em demonstrar toda a sua insatisfação e sentimento de injustiça em seus escritos, mais necessariamente em *Recordações*. O retrato da humilhação era constantemente exposto, além da violência, através do preconceito, porém, Barreto não permitia a aceitação de que assim deveria ser, ou seja, este não seria um motivo para não permanecer em buscar aquilo que deseja, como definido no personagem Isaías:

“(...). Seu personagem Isaías Caminha simboliza as humilhações e dificuldades que enfrentou na adolescência. Caminha se sentia um condenado por culpa da cor e, de acordo com suas próprias palavras, “proibido de viver, fechado a caminho da vida por mãos mais fortes que as dos homens(...)” (MACHADO, 2002, p. 56)

Os mecanismos utilizados por Lima Barreto, seja por meio da crítica ou ironia, agem de maneira precisa para expressar a visão que o autor tem a respeito da sociedade brasileira, desde as questões culturais e nacionais, sendo apontado como um escritor “extremista” ou exagerado quando sua intenção é destacar algum ponto específico, justamente com a ideia de chamar atenção. A trajetória de vida do autor é um exemplo ou, até mesmo, um espelho para simbolizar a vida de diversas famílias no período pós abolição. Barreto nasceu em 13 de maio de 1881,

exatos sete anos que antecederiam a Lei Áurea, que proclamaria o fim de mais de trezentos anos de escravidão permanente no Brasil, deixando fortes sequelas físicas e emocionais na vida daqueles que sofreram o período e enfrentariam a sociedade dali em diante. Lima Barreto, um intelectual a frente do tempo em que estava; tornando-se uma fonte de estudo precisa nos dias atuais, permite aos leitores um aprofundamento a respeito da compreensão e observação dos acontecimentos na vida do povo negro naquele período.

“Se, em primeiro plano, as recordações são trabalhadas como modo de confrontar o racismo científico, principalmente as considerações acerca da degenerescência da mestiçagem; em segundo plano, há a escravidão, por um lado, tratada como fantasmagoria, passado longínquo (mesmo que recente), que por vezes emerge para assombrar a todos (brancos), mas que não se trata de um problema atual ou mesmo concreto, e, por outro, vivida como um passado que não passa cujos efeitos são esmagadores.” (ARAUJO, 2019, p. 411)

Em seu artigo, Araujo (2019) apresenta as discussões científicas a respeito da estrutura do racismo e em como se difunde o pensamento do Brasil como um país de ‘três raças’, tornando-o uma nação mestiça e buscando o apagamento da visão de um Brasil negro, que muito reprime as pessoas de cor, em decorrência do sistema escravista, fazendo assim, pensar na origem do racismo no país.

Na obra *Negro, a Cor da Vida: a origem do homem e do racismo* (2013) são abarcados pensamentos mais concretos a respeito dessa difusão, em que os preconceitos relacionados a cor e raça são resultados de milhares de anos, desde as invasões territoriais em que houveram percepções genéticas e culturais; este contato provoca um estranhamento entre os mais diferentes povos:

“Pode-se concluir, portanto, que o racismo surgiu como atividade defensiva. É fruto do medo do desconhecido (e potencialmente predador). Ressalte-se que esses contatos já ocorreram por pressão demográfica, ou seja, a situação era de real ameaça sobre a posse do território, de fontes de alimentos e de matérias primas. Esse foi o pano de fundo desses antagonismos sociais.” (Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra, 2013, p. 33)

Através do determinismo biológico⁹, cada sociedade mantinha seus próprios conceitos a respeito do que seria considerado “padrão”, assim, as diferenças culturais, comportamentais, línguas, etc., seriam o primeiro passo para a chamada xenofobia¹⁰, chegando ao racismo de cor, que resultou na escravização de pessoas. No caso do Brasil, devido a colonização feita pelos

⁹ Também conhecido por determinismo genético, acredita-se que cada indivíduo possui fenótipos decorrentes de fatores ambientais e fisiológicos.

¹⁰ Aversão à modos culturais e características específicas entre diferentes povos.

portugueses, essa padronização consistia em aceitarem apenas características próprias dos povos europeus.

Com isto, houve a permanência enraizada entre as diferenças de raças, por sua estrutura ter sido formada ainda no período colonial, ou seja, a abolição fez com que o povo negro continuasse fixado como minoria. Desta forma, também não faria sentido, para a sociedade, dar oportunidades (retorno financeiro) a pessoas que eram também comercializadas entre os senhores locais.

“Em meio à literatura autossatisfeita do início do século XX, extremamente convencionalizada nos conflitos e linguagem, Lima Barreto chega ao problema que nos interessa buscando “tratar as grandes questões do tempo” e retomando, para isso, a tradição crítica do romance europeu. A motivação da escrita das *Recordações*, declarada num texto inicial chamado “Breve notícia”, é desmentir a tese lida em um artigo de revista, segundo a qual os mulatos, mesmo quando tinham um começo de vida promissor, terminavam por fracassar, devido à falta de energia característica da raça. Isaías, ele mesmo afetado por tal prognóstico, resolve contar sua história para mostrar que tais insucessos não se deviam a fatores fisiológicos (“não estava em nós, na nossa carne, no nosso sangue”), mas a constrangimentos sociais. A intenção, portanto, era mostrar que a responsabilidade do fracasso estava na sociedade e não no indivíduo.” (OLIVEIRA, 2010 p. 84)

Irenísia Torres de Oliveira em *Realismo e Sátira nas Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (2010), elucida o que foi discutido a respeito da mistura de raças dentro do contexto brasileiro, pensado na obra de Lima Barreto. As pessoas mestiças, estavam consideradas como “cidadãos de 2ª classe”, relacionados a uma raça indefinida, ou seja, tinham contato próximo com a camada social branca, mas ainda traziam em sua composição as origens daqueles que foram trazidos para o trabalho forçado. Lima Barreto fez um excelente uso destes elementos através da imagem de *Isaías*, a partir do cansaço físico/mental pelo esforço em se conquistar algo estando nestas condições.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oportunidade de (re)ler duas obras extremamente necessárias para o estudo da história negro-brasileira e analisar em como o Naturalismo de Aluísio Azevedo e o Modernismo de Lima Barreto, em suas respectivas obras: *O Cortiço* (1890) e *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) são importantes para o entendimento da posição política e social no período em que as pessoas deixaram de ser escravizadas, para se inserirem na sociedade, enfrentando todos os resquícios de um período fortemente doloroso.

A retratação, por meio da literatura, passando toda a historicidade de representação da população negra e de que maneira ocorreu a sua objetificação, pensando em todos os conflitos sociais enfrentados, a partir de um contexto histórico através de duas produções literárias com estudo aprofundado que é compreendido a partir do estudo de seus personagens e as tramas que os envolvem, buscados no contexto da pós-abolição brasileira.

O estudo do movimento Naturalista no Brasil, realçado pela importância de *O Cortiço* (1890), vista pelo encontro do espaço, da raça e da história, apresenta a degradação e a decadência do ser humano, que mostra como o ambiente em que está colocado influencia diretamente em seu comportamento, a da abordagem de diversas temáticas, a exemplo da desigualdade social e histórica dos indivíduos.

A análise Modernista presente em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), é desenvolvida uma visão posterior à abolição da escravatura, em que o povo negro é cercado pelo preconceito racial findado, utilizado pela imagem de Isaías Caminha, um intelectual sonhador, discutindo a luta e militância em defesa das pessoas marginalizadas. A obra pertence a esta posição de denúncia, que vai além das condições sociais.

Todos os autores mencionados abordam com precisão cada discurso em debate, até chegar ao autoritarismo presente no Brasil, que envolve as difíceis questões de domínio que pessoas pretas enfrentam até a atualidade, através do poder social e político permanente no país, desde o período de pós-escravidão (debatido por Lilia Moritz Schwarcz, em que foi apontado o chamado “mito da democracia racial no Brasil”). A discussão literária buscou expressar o equívoco da camada branca da população daquela época, que gerou revolta em grupos sociais de pessoas negras, já que a cor seria um fator de “privilegio social”.

Ressalta-se a importância do estudo da Literatura Brasileira, seu reconhecimento como algo que atravessa o tempo por meio da humanidade e críticas sociais que vão desde o conhecimento da língua, seja formal ou não, além de proporcionar uma “viagem” a época de

escrita, o que permite uma análise discorrida dos elementos abordados em cada escrito, como bem menciona Fernando de Azevedo (1986, p. 211), que a literatura é um pertencimento social e, por esse meio, administrada, sendo fonte, também, de prestígio e discussão política.

Com este estudo, é possível visualizar diversos aspectos, dispostos em duas obras, que se assemelham em diversos pontos, especialmente pela temática, mas, tem sua especificidade, como sugerida em *O Cortiço* (AZEVEDO, 1890), em que aborda alguns pontos comuns do Naturalismo, como: personagens expostos de forma objetiva; a presença da zoomorfização, além de ideias que percorrem a corrente filosófica de Darwin, que reconhece o ser humano como resultado do processo evolutivo. Em *Recordações Do Escrivão Isaías Caminha* (BARRETO, 1909), tem a análise do até então considerada como uma obra pré-modernista, sendo desmistificada, para modernista, já com os primeiros sinais de modernidade que Lima Barreto apresenta, através de sua capacidade crítica, intelectual e política que, por meio da arte, expressa e apresenta sua militância enquanto homem negro, nascido antes mesmo da declaração da abolição da escravatura.

O contato com as obras em contexto com assuntos pertinentes que circulam na atualidade, além de trazer a percepção de como ocorreu o período pós-escravidão, faz pensar nas condições sociais em que a pessoas de cor, sem outra alternativa, eram impostas, gerando um marco para toda a história, provando que este assunto está totalmente ligado à literatura nacional, bem como as suas fases, em que diferenciam apenas o contexto, mas a retratação do povo negro é a mesma, com exclusão social intensa, independente das suas capacidades. Em união, a temática, junto à linguagem literária e discussão por meio da linguagem, presentes de maneira pessoal dentro das obras, expressam, na atualidade, a importância de um aprofundamento no estudo da Literatura brasileira e suas características extraídas de cada época.

Considera-se este estudo como uma fonte de conteúdos especialmente selecionados e analisados, com o interesse em apresentar os conflitos sociais existentes nas obras de Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo (*O Cortiço*, 1890) e Afonso Henriques de Lima Barreto (*Recordações Do Escrivão Isaías Caminha*, 1909), que auxiliam na desmistificação de diversos pensamentos atuais, a respeito do período que tange a vivência social entre os séculos XIX e XX, em que geram conclusões através da contextualização com os autores específicos para a discussão. Essa exposição literária, por meio de diversas correntes de estudo, une a área

das Letras com diversas áreas, mostrando que a leitura é uma fonte de aprendizado, geradora de pensamentos e desenvolvimento intelectual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Sergio. **Racismo, criminalidade violenta e justiça penal: réus brancos e negros em perspectiva comparativa**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 18, 1996.

ALVES, Alessandra Goes. “**Ver o racismo como um ‘problema dos negros’ é um privilégio dos brancos**”. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/01/12/ver-o-racismo-como-um-problema-dos-negros-e-um-privilegio-dos-brancos/>> Acesso em: 2. Setembro. 2019.

ARAÚJO, Erick. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha: a literatura ficcional de testemunho de Lima Barreto**. Remate de Males, Campinas-SP, v.39, n.1, pp. 403-422, jan./jun. 2019.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997.

AZEVEDO, Fernando de. **A escola e a literatura**. A Literatura No Brasil / Afrânio Coutinho, Eduardo de Faria Coutinho. p. 193-218 – 3. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF – Universidade Federal Fluminense, 1986.

BARBOSA, Maria José Samerlote. Edmilson de Almeida Pereira. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Vol. 3, Contemporaneidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

BARRETO, Lima. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Edusp, 2017.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. 2. Edição. Revisada e ampliada, 2001. 9º reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2008.

Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra. **Negro, a cor da vida: origem do homem e do racismo** / Organizado e coordenado por Aldeneiva Celene de Almeida Fonseca. – Salvador: SEPROMI, 2013.

COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil**. vol.4, 7 ed. São Paulo: Global, 2004.

CRUZ, Adélcio de Sousa. Canto-poema e samba-blues: estratégias poéticas afrodescendentes na poesia de Almeida Pereira. In: FERREIRA, E.; MENDES, A. M. (Orgs.). **Literatura afrodescendente: memória e construção de identidades**. São Paulo: Quilombhoje, 2011, p. 13-22.

DUARTE, E. A. **Falas do outro: literatura, gênero, etnicidade**. Belo Horizonte: Nandyala. 2010.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010, pp. 132-142.

FIORIN, J.L. **Linguagem e ideologia**. 7º edição. São Paulo: Ática, 2001.

GOMES, Carlos M.S; NASCIMENTO, Deise S. do. **Um Olhar Afro-Brasileiro para O Cortiço**. *Revista Línguas & Letras*, Universidade Federal de Sergipe, Curso de Letras - campus de Itabaina. Vol. 17, n. 38, p. 119-132, novembro, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

OLIVEIRA, I. T. de. **Realismo e Sátira nas Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. Universidade Federal do Ceará: Literatura e Sociedade, p. 80-99, 2010.

NUNES, Sylvia da Silveira. **Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita**. *Psicol. USP*. 2006, vol.17, n.1, pp.89-98.

PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010, pp. 132-142.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, J. A. J. **O devir do negro na literatura brasileira: notas sobre oralidade em Lima Barreto**. *Fólio – Revista de Letras*, v. 2, p. 1-22, 2018.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1988.

TELES, M. A. A. **Breve história do feminismo no Brasil**. Editora Brasiliense S.A. 1º Edição 1993 1º Reimpressão 1999 São Paulo - SP 183 p.15, 5x 11, 5cm.